

## **DESTRUIÇÃO POR CATÁSTROFES NATURAIS: A Documentação como Estratégia de Preservação no Museu das Missões**

**CALDAS, Karen V. (1); SERRES, Juliane P. (2); AFONSO, Micheli M. (3)**

1. Universidade Federal de Pelotas. Departamento de Museologia, Conservação e Restauro  
caldaskaren@gmail.com
2. Universidade Federal de Pelotas. Departamento de Museologia, Conservação e Restauro  
julianeserres@gmail.com
3. Universidade Federal de Pelotas. PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural  
mimafons@gmail.com

### **RESUMO**

O artigo aborda a preservação de acervos suscetíveis à destruição decorrente de catástrofes naturais, como é o caso da maior coleção pública de imaginária sacra jesuítica em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII do Mercosul, pertencente ao Museu das Missões. O acervo é parte do sítio arqueológico das Ruínas de São Miguel Arcanjo, Patrimônio Mundial da Unesco, e sofreu danos significativos em decorrência de um tornado que atingiu o local em abril de 2016. O estudo aponta questionamentos para fomentar a discussão da preservação tomando por base o ponto de vista do conservador-restaurador, especificamente a partir de seu repertório ético-teórico e das ferramentas de documentação da área. Indica também indagações sobre o papel das instituições de memória no campo do patrimônio, no que tange especialmente ao inventário, ao estudo, ao planejamento e à execução de projetos de conservação de acervos. O artigo não possui a pretensão de assentar respostas definitivas mas sim, provocar a discussão do assunto e instigar o debate acerca do tema da documentação aplicada à conservação e restauração.

**Palavras-chave:** documentação; preservação; Museu das Missões

### **ABSTRACT**

*The article addresses the preservation of collections susceptible to destruction resulting from natural disasters, as is the case of the largest public collection of sacred Jesuit imagery in polychrome wood from the 17th and 18th centuries of Mercosul, belonging to the Missions Museum. The collection is part of the archaeological site of the Ruins of São Miguel Arcanjo, a UNESCO World Heritage Site, and suffered significant damage as a result of a tornado that hit the site in April 2016. The study points out questions to encourage the discussion of preservation based on the point of view of the conservator-restorer, specifically from his ethical-theoretical repertoire and the documentation tools of the area. It also indicates inquiries about the role of memory institutions in the field of heritage, with regard especially to the inventory, the study, the planning and the execution of projects for the conservation of collections. The article does not intend to establish definitive answers, but rather to provoke discussion of the subject and instigate the debate on the topic of documentation applied to conservation and restoration.*

**Keywords:** documentation; preservation; Museum of the Missions

## INTRODUÇÃO

As escolhas daquilo que é ou não patrimônio são entendidas na contemporaneidade como atos de cultura (Cagriota, 2009, p.15). No universo brasileiro, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 216, conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988). Não obstante ao preceito legal, a patrimonialização dos bens de natureza material ou imaterial se constitui em uma eleição que pressupõe uma seleção crítica, mas repleta de subjetividade (Caldas, 2013, p.27). Do ponto de vista do patrimônio tangível, sabe-se que os bens culturais móveis são estruturas constituídas por matéria, a qual pode ser vista como um suporte concreto que veicula um contingente de significados, referenciando identidade, ação e memória patrimonial. Nessa lógica, trata-se de senso comum que, ao se preservar a materialidade, preserva-se também o conteúdo simbólico do qual este objeto é rememorador.

Irrefutável, contudo, é o caráter efêmero da matéria. Por mais que o homem ocidental aspire perpetuar seus objetos de rememoração, a matéria é, por certo, provisória, passageira. Nessa perspectiva, o patrimônio material faz-se transitório. Ainda que não possam ser indefinidamente conservados em sua materialidade, contudo, os bens culturais móveis são portadores de uma essência simbólica que ultrapassa àquela relacionada à atribuição de significados dada pelos sujeitos que os elegem patrimônio cultural, sendo que nesse sentido eles precisam ser investigados antes de serem consumidos pelo tempo.

A acurada identificação desse conteúdo é tarefa do conservador-restaurador, responsável por mediar e articular ciência, história e arte, realizando a interface necessária entre diversos profissionais no sentido de compreender de fato o bem cultural e promover sua preservação, seja material e/ou imaterial. Trata-se, neste caso, da expertise de interpretação de aspectos intangíveis que caracterizam qual a matéria composta do bem e como essa matéria se encontra organizada espacialmente no objeto. Diz respeito à competência de identificar peculiaridades relacionadas à tecnologia de produção, ou seja, traços que indicam o abstrato “modo de fazer” daquela coisa concreta e os atributos imateriais que também legitimam e são, ainda que não palpáveis, parte daquele corpo material. Contudo,

diferentemente do corpo material - sabidamente finito - entende-se que essa parcela imaterial do bem cultural móvel pode ser preservável. Não há dúvidas que, conhecendo profundamente - e documentando - quais os componentes da matéria, tem-se mais segurança nas tomadas de decisão para conservar suas características físico-químicas, seja preventivamente, seja através de intervenções compatíveis que se façam necessárias (Appelbaum, 2010) (Gómez Gonzáles, 2000) (Figueiredo Junior, 2012). Essas ações deverão manter o objeto por mais tempo desfrutável, até que a matéria pereça, pois, invariavelmente, submer-se-á à implacável ação do tempo, quando, então, restará a documentação e a história daquele bem.

É nesse cenário e sob a perspectiva do conservador-restaurador que se desenvolve este artigo utilizando como estudo de caso o acervo de imaginária sacra missioneira em madeira policromada do Museu das Missões, conjunto sob responsabilidade do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM e pertencente ao parque das Ruínas de São Miguel, inserido em contexto reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO como Patrimônio Mundial (Botelho; Bruxel; Vivian, 2015).

## **DOCUMENTAÇÃO E PRESERVAÇÃO**

A ampliação do conceito de cultura em meados do século XX, resultou na transformação da forma como os sujeitos se relacionam com a preservação do patrimônio (Poulot, 2009; Kühl, 2006; Macarrón Miguel, 2002; Tornatore, 2009; Castriota, 2009).

Paralelamente às mudanças neste campo, especialmente em decorrência das destruições do patrimônio por conta da Segunda Guerra Mundial, surgiram várias instituições e realizaram-se inúmeros eventos organizados na intenção de debater as questões de preservação. O crescimento exponencial ocorrido na primeira metade do século XX dos fundos documentais e das fontes bibliográficas fez surgir a documentação em museus, fruto da necessidade de controlá-los, armazená-los e recuperá-los.

Assim, a formulação do conceito de objeto enquanto documento desencadeou o desenvolvimento técnico da documentação (Marques, 2010, p.49), cuja substancialidade vem sendo enfatizada desde a década de 1970 pela UNESCO.

Sob o olhar da área de Conservação-Restauração, já no final do século XIX, Viollet Le Duc apontava a importância da documentação como ferramenta de preservação indicando o valor de empreender levantamentos detalhados de modo que se constituíssem em fontes de consulta às informações das intervenções (Viollet-Le-Duc, 2000); John Ruskin, ainda que defendesse o respeito à ruína, apontava a necessidade de acompanhar a vida do monumento até seu perecimento, base para o pensamento de registro da passagem do tempo pela obra que seria consolidado em meados do século XX (Kühl, 2002); Camillo Boito, por sua vez, defendia a documentação sistemática antes, durante e depois das intervenções, inaugurando-a numa perspectiva de preservação (Boito, 1996).

Anos mais tarde, já na metade do século XX, Cesare Brandi consolidou o chamado Restauro Crítico, sustentado na maximização do conhecimento do objeto do ponto de vista histórico e artístico e, paradoxalmente, material – algo que se articula também através da documentação - para que este assegure tomadas de decisão mais apropriadas (Brandi, 2004).

Isto posto, faz-se evidente, no assentamento da teoria clássica, que além dos registros relativos à história, à estética e à materialidade dos objetos, uma documentação criteriosa seria indispensável para garantir o respeito, por exemplo, à pátina (Hannesch, 2013).

A perspectiva ética da área, que articula memória e matéria, subjetividade e objetividade, com vistas à preservação dos bens culturais para as gerações atuais e futuras, é ratificada pela Teoria Contemporânea da Restauração, proposta por Salvador Muñoz Viñas (Muñoz Viñas, 2003), quando este destaca a sustentabilidade como mais um princípio a ser agregado aos critérios clássicos, um parâmetro que articula a capacidade do objeto para seguir satisfazendo os gostos e necessidades intangíveis de usuários futuros.

Percebe-se, portanto, que dentro desse contexto preservacionista, o ato de documentar os bens culturais e os procedimentos de intervenção destaca-se nas práticas de conservação e restauração desde o momento em que esta se configura como campo disciplinar autônomo, especialmente quando a área se estabelece em bases científicas (Hannesch, 2013).

Entende-se a documentação e a preservação como áreas correlatas (Elias, 2010, p.193), sendo a documentação considerada uma ferramenta básica para a preservação. O Código de Ética do Conselho Internacional dos Museus – ICOM orienta a documentação dos acervos não restringindo-se apenas à identificação e à descrição de cada item do acervo, mas também, “dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de conservação, dos tratamentos a que já foram submetidos e de sua localização” (ICOM, 1986).

Nesse sentido, o ICOM fundou em 1950 o Comitê Internacional para Documentação do Conselho Internacional dos Museus – CIDOC, dedicado às problemáticas da documentação. No entanto, as ferramentas criadas pelo CIDOC e por outras instituições internacionais com o objetivo de uniformizar os princípios de documentação do inventário e da catalogação de acervos, restringem-se à documentação museológica, deixando a documentação de conservação e restauração a cargo das instituições e dos próprios profissionais.

Mas, apenas nas últimas décadas a documentação científica por imagem, por exemplo, vem discutindo a sistematização de critérios e diretrizes de execução para fins de padronização de informações mínimas que colaborem com a preservação.

Uma questão relevante, relaciona-se às diferenças de objetivo entre os registros museológicos e os produzidos sob foco específico de conservação e restauração: as fichas museológicas destinam-se a descrição e classificação do bem, já as de conservação e restauração, assim como os dossiês de intervenção, tem por propósito o registro de aspectos objetivos e subjetivos dos bens culturais e dos processos de conservação pelos quais passam ocasionalmente.

Trata-se do detalhamento da história, da estética, da iconologia e iconografia, mas, sobretudo, dos valores atribuídos, da sua constituição, dos materiais e técnicas utilizados para sua elaboração, do seu estado de conservação, das informações obtidas através de exames e análises científicas. Refere-se, ainda, ao relato minucioso de intervenções, o que inclui, registro fotográfico, especificações das metodologias, dos materiais usados, e até mesmo dos problemas de aplicação destes.

A necessidade de aprofundamento das informações acerca dos bens culturais vem ao encontro da abordagem integrada de conservação, dialogando com os conceitos

de cultura, patrimônio e memória discutidos contemporaneamente (Hobsbawm, 1998; Halbwachs, 1990; Poulot, 2009; Candau, 2011; Castriota, 2009) e com a teoria contemporânea da conservação e da restauração (Muñoz Viñas, 2003).

Lamentavelmente, segundo Mendonça (2009, p. 340) é recorrente uma prática profissional desarticulada dos critérios e conceitos éticos da documentação, onde diagnósticos do estado de conservação, laudos técnicos e registros de intervenções, figuram em circunstância marginal, resultando em documentos elaborados fora de bases científicas e desprovidos de metodologia. Afora essa questão, soma-se o preenchimento dos campos dirigidos ao estado de conservação, reduzidos aos termos “bom”, “razoável” e “ruim”, os quais permitem que as questões de conteúdo sejam regradas pelo juízo de valor de cada profissional.

## **MUSEU DAS MISSÕES E SEU ACERVO**

A edificação que abriga o Museu das Missões localiza-se em um dos mais significativos sítios arqueológicos dos chamados Sete Povos das Missões, parte das trinta reduções jesuíticas que, através dos padres da Companhia de Jesus, vieram para a região conquistada por Portugal e Espanha.

As reduções, que iniciaram sua formação no século XVI e as mantiveram consolidadas entre os séculos XVII e XVIII, atendiam tanto o interesse de catequese dos jesuítas quanto políticos do reino da Espanha no sentido de manutenção da fronteira, situação negociada e articulada convenientemente junto aos povos Guaranis, à época vítimas dos ataques escravagistas (Furlong, 1979; Kern, 1993; Coutinho, 1996; Theodoro, 1992; Trevisan, 1999; Gutierrez, 1995; Sepp, 1972).

Sabe-se que o final do século XVIII foi marcado pela decadência das reduções, que culminaram com a expulsão dos jesuítas da América Espanhola em 1768. Como menciona Bauer em dissertação de mestrado, “A população que havia sobrevivido aos ataques dispersou-se pela região e as reduções foram ocupadas definitivamente pelos portugueses, em 1801, tornando-se habitação de imigrantes, alguns índios e militares em campanha. As esculturas de madeira que faziam parte principalmente das igrejas e haviam escapado aos saques e incêndios foram sendo apropriadas pela população local, dando origem à propriedade particular dos santos

missioneiros” (Bauer, 2006, pg.18). Nessa perspectiva, portanto, as imagens mantiveram valor devocional junto às famílias e igrejas que delas se apropriaram.

Somente na década de 1930, num período de efervescência nacionalista, que tinha Getúlio Vargas no poder, é que se forma o acervo do Museu das Missões. Em 1937, portanto, a serviço do SPHAN, Lucio Costa propôs a criação do Museu das Missões, sugerindo concentrar os fragmentos dispersos pela região em um espaço único junto às ruínas de São Miguel.

O processo de patrimonialização, que ressignificou imagens de valor devocional para bens culturais de valor predominantemente histórico e estético, foi traumático para a população (Bauer, 2006, pg.16). No entanto, o espaço criado possibilitou a configuração de uma narrativa histórica das reduções, patrimonializada pelo poder público em razão de sua significância: as ruínas de São Miguel e o prédio do museu foram tombados como Patrimônio Nacional em 1938 e o Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial em 1983.

Como parte desse conjunto, o acervo do Museu das Missões é atualmente constituído de cerca de cem peças catalogadas (Brasil, 1993), na sua maioria de imaginária sacra, sendo oitenta e quatro esculturas em madeira originalmente policromada. Desafortunadamente, a maioria apresenta apenas vestígios da camada pictórica.

A produção dessas peças aponta para autorias e processos de manufatura classificáveis conforme padrões estéticos, além de uma diversidade de procedências, não limitando-se à execução nas oficinas locais (Harnisch, 1952; Damasceno, 1974; Trevisan, 1986; Coutinho, 1996; Martins, 1992; Oliveira, 2000; Plá, 1975).

Tomando como exemplo essa instituição museológica, entende-se os museus como veículos de informação que “têm na conservação e na documentação as bases para se transformar em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação [...]” (Ferrez, 1994, p. 2), o que por sua vez é determinante na preservação do patrimônio e da memória.

Pelo exposto, muito embora o processo constituição desse acervo tenha sido dramático, a importância do conjunto de obras pertencente ao Museu das Missões é indiscutível, sendo igualmente inquestionável a necessidade de sua preservação.

Sob esta perspectiva, ações de documentação com foco dirigido à conservação-restauração, logo mais aprofundado do ponto de vista do estado de conservação, se mostram ferramentas úteis para que as próximas gerações tenham garantido o direito a sua apreciação.

## **CATÁSTROFE E REFLEXÃO**

A discussão aqui apresentada se faz pertinente não somente pela importância incontestável do acervo do Museu das Missões, mas também pelo fato de que esses bens culturais foram severamente danificados por fortes chuvas e um tornado que atingiu a região em 24 de abril de 2016. O sinistro, que não durou mais do que cinco minutos, foi suficiente para danificar significativamente o Pavilhão Lúcio Costa, sede do Museu. O violento tornado arremessou as imagens expostas no museu a vários metros de distância, cobrindo-as por pedaços de telha e cacos de vidro, danificando algumas das obras já fragilizadas pela ação do tempo.

Em visita técnica, executada por equipe do Curso de Conservação e Restauração da Universidade Federal de Pelotas, verificou-se que a documentação museológica deste acervo está restrita a fichas simplificadas descritivas onde verifica-se como registro visual apenas uma fotografia de identificação da peça a qual não ultrapassa cinco centímetros de altura. O campo destinado ao estado de conservação limita-se aos exíguos termos “bom”, “razoável” e “ruim”, não descrevendo com clareza e parâmetros concretos o estado de conservação dos objetos. Além disso, apurou-se que algumas peças sofreram, pós musealização, intervenções de restauração sobre as quais não há registros documentais descritivos nem científicos junto aos arquivos do Museu.

O sinistro evidenciou lacunas no conhecimento e na documentação deste acervo de relevância internacional junto ao museu que o abriga: as fichas de registro do acervo do Museu das Missões não possuem, por exemplo, descrições pormenorizadas do estado de conservação das obras, assim como não há referência fidedigna das suas condições materiais; não há fotografias de identificação das obras com recursos técnicos próprios da documentação científica por imagem, ainda que existam arquivos digitais de fotografias de boa qualidade realizadas por um fotógrafo



profissional por solicitação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, responsável pelo acervo antes da criação do IBRAM em 2009.

Com relação aos materiais constituintes e às técnicas de produção, sabe-se de estudos de caracterização da madeira utilizada para a fatura de algumas esculturas de autoria de Marchiori e Schulze-Hofer (2010), porém, na documentação do museu, os registros são generalistas, indicando tratar-se de obras em “madeira”, ou, por vezes, “esculturas em madeira policromada”. Destaca-se, por outro lado, que, na década de 1990 foi realizado pelo IPHAN o Inventário da Imaginária Missioneira, com o apoio da UNESCO, da Fundação Vitae e da Fundação IOCHPE.

As fichas produzidas durante o levantamento que abrangeu todo o Rio Grande do Sul, publicadas em formato de livro por Vieira e Coutinho (1993), se encontram arquivadas na Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul. O inventário é um importante documento do ponto de vista histórico, entretanto, devido ao caráter do instrumento, contém apenas informações gerais sobre intervenções, como breve descrição do estado de conservação, restauração/data e restaurador/data.

O desconhecimento da perspectiva material dessas obras evidencia o quão pouco se sabe e se tem documentado sobre suas características materiais e, principalmente, não-materiais referentes às técnicas de manufatura dessas policromias.

É fato que há diversas pesquisas cujo objeto é o acervo missioneiro, porém recorrentemente não extrapolam os limites da perspectiva histórica, por vezes com enfoque à estética, na intenção de classificá-lo em categorias, outras com foco nas questões iconográficas e iconológicas (Trevisan, 1986; Coutinho, 1996; Martins, 1992; Plá, 1975). Tal entendimento é ratificado por Claudete Boff ao afirmar que a historiografia missioneira embora vasta e heterogênea, “tradicionalmente, preocupou-se mais com questões políticas, econômicas e sociais. Só recentemente as manifestações culturais daí emanadas foram alvo de maior atenção por parte dos historiadores” (Boff, 2005, pg.21).

Ainda assim, a perspectiva da história material desses bens culturais, bem como da sua história técnica, apresenta-se geralmente relacionada a questões estéticas e formais, como também é o caso deste estudo de Claudete Boff que analisa os

aspectos do barroco jesuítico-guarani refletindo e identificando suas diversas fases a partir da análise estética do Museu das Missões.

Não obstante, ainda que o estudo tenha contribuído consideravelmente para o conhecimento dos remanescentes missioneiros jesuítico-guaranis do acervo do Museu das Missões, também é verdadeiro afirmar a ausência de desenvolvimento de pesquisas que se debrucem sobre essas obras investigando-as a partir do olhar da Conservação-Restauração.

No entanto, acredita-se que a discussão possa avançar através de estudos que contemplem análises, exames e documentação científicas realizadas sob o olhar do conservador-restaurador e do cientista da conservação, profissionais especializados na interface entre ciência, história e arte.

## **DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO DO MUSEU DAS MISSÕES**

Sobretudo no que se refere à documentação direcionada à conservação-restauração, o cenário identificado no acervo do Museu das Missões, não é muito diferente de boa parte das instituições do país, ou seja, as obras missionárias ali reunidas carecem de registros com este enfoque.

O caso do Museu das Missões, manifesta situação ainda mais agravada por conta da inexistência junto ao acervo de documentos dos registros das intervenções sofridas desde que foi instituído oficialmente, em 8 de março de 1940 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, atual IPHAN.

É possível constatar junto à documentação do museu que as intervenções existiram, porque consta essa informação nas fichas de registro museológico de várias obras (bem como no inventário da década de 1990), no entanto o Museu não possui os dossiês ou fichas de intervenção de acordo com a declaração de servidores e da diretoria da instituição à época da visita técnica.

A partir da informação da inexistência junto aos arquivos do museu dessa documentação, e com a indicação de que tais registros estariam sob guarda do IPHAN, foi realizada pesquisa junto a Superintendência do órgão em Porto Alegre, onde foram localizadas as fichas dos procedimentos de restauração aplicados sobre algumas esculturas do acervo do Museu das Missões. Esses documentos não

chegam a se configurar dossiês, mas se configuram em fichas das intervenções contendo breves informações manuscritas dos procedimentos e, em geral, não acompanham imagens dos procedimentos, apenas citam em tópicos as etapas do processo de intervenção, mencionando muito sinteticamente os tratamentos aplicados e alguns dos produtos utilizados.

Apesar da constatação de uma documentação precária, é razoável ressaltar que a documentação científica dos bens culturais teve seu desenvolvimento efetivo no país nas últimas décadas, o que, de certo modo, poderia justificar a carência e, sobretudo, a pouca efetividade dos registros das intervenções. No entanto, fica evidente a dissociação desses documentos de suas respectivas obras, pois entende-se que o Museu deveria abrigar ao menos uma cópia dos registros das intervenções aplicadas sobre as obras que estão sob sua guarda.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fundamentando-se nos dados aqui exposto, o principal questionamento que a catástrofe promovida pelo tornado nos coloca é justamente o que se conhece de fato a respeito desses bens culturais do ponto de vista do conservador-restaurador, da sua materialidade e seu modo de produção? E mais ainda, as ações produzidas sobre essas obras ao longo da sua trajetória museológica estão devidamente documentadas ou caso não estejam, ainda são resgatáveis e passíveis de sistematização?

A partir do sinistro, dada a precariedade da documentação deste acervo, a discussão fomenta a reflexão do papel da instituição museológica, considerando sua responsabilidade como instância de memória no campo do patrimônio. O que o sinistro nos revela além dos danos materiais? Como tomar decisões teórico-metodológicas sobre materialidades que também são corpos simbólicos? Como a documentação científica aplicada à conservação-restauração pode colaborar com a preservação? Além dessas indagações específicas, incita-se uma questão mais ampla: para quem, para quê e por que preservamos?

Por fim, reitera-se: este artigo não teve a pretensão de concluir ou trazer respostas definitivas. Pelo contrário, desejou provocar a discussão do assunto. Se o debate

acerca do tema da documentação aplicada à conservação e restauração foi instigado, entende-se atingido o objetivo proposto por este breve estudo.

## REFERÊNCIAS

- APPELBAUM, Barbara. **Conservation Treatment Methodology**. Oxford: Butterworth-Heinemann/Elsevier, 2010.
- HANNEBAUER, Leticia Brandt. **O arquiteto e o zelador: Patrimônio Cultural, História e Memória. São Miguel das Missões (1937-1950)**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/11112>> Acesso em: 20 mai 2017.
- BOFF, Claudete. **A imaginária Guarani: o acervo do Museu das Missões**. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.
- BOITO, Camillo. **Os Restauros em Arquitetura**. Apresentação, tradução e comentários críticos por Odete Dourado. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Pretextos, série b, Memórias, 3. UFBA, 1996. Tradução de: Questioni pratiche di belle arti: Restauri, concorsi, legislazione, professione, insegnamento.
- BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. Tradução de: Teoria del restauro.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988. **Diário Oficial da União** de 05/10/1988, pág. nº 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em: 15 abr 2016.
- BOTELHO, André A.; BRUXEL, Laerson.; VIVIAN, Diego. **Museu das Missões: Coleções Museus do IBRAM**. 1a edição. Brasília: IBRAM, 2015.
- CALDAS, Karen Velleda. **Contrapontos entre Teoria e Prática da Conservação-Restauração do Patrimônio Histórico Edificado: o Caso do Grande Hotel de Pelotas/RS**. Pelotas: Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, 2013.
- CANDAUI, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural**. Conceitos Políticas, Instrumentos. São Paulo. Annablume, 2009.
- COUTINHO, Maria Inês. **A Resistência pelo Estético: Imaginária Guarani nas Missões Jesuíticas no Brasil**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.
- DAMASCENO, Athos. **Artes Plásticas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.
- ELIAS, Isis Baldini. **Conservação e Restauo de Obras com Valor de Contemporaneidade: a Arte Postal da XVI Bienal de São Paulo**. 2010. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-14032014-164411/>>. Acesso em: 21 out. 2016.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65- 74. **Estudos de Museologia**. Caderno de Ensaios, n.2.
- FIGUEIREDO JUNIOR, João Cura D'Ars de. **Química aplicada à Conservação e Restauração de bens culturais: Uma Introdução**. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2012.
- FURLONG, Guillermo. **Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes**. Posadas, Argentina, 1979.
- GÓMEZ GONZÁLES, María Luisa. **La Restauración: Examen Científico Aplicado a la Conservación de Obras de Arte**. 2 ed. Madrid: Cátedra, 2000.

GUTIERREZ, Ramón. **Pintura, Escultura y Artes Útiles en Iberoamérica, 1500-1825**. Madrid: Ediciones Catedra S.A., 1995.

HALBWACHS, Maurice. (1877-1945). **A Memória Coletiva**. Tradução de: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice Edições, 1990. Tradução de: La Memoire Collective.

HANNESCH, Ozana; GRANATO, Marcus. Acervos Arquivísticos em Museus: patrimônio a ser preservado. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2013, Florianópolis. **Anais** do XIV ENANCIB, 2013.

HARNISCH, Wolfgang Hoffmann. **O Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 1952.

HOBBSAWUM, Eric. (1917-2012). **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ICOM. **Icom Code of Ethics for Museums**. Buenos Aires: 15th General Assembly of ICOM in Buenos Aires, 1986. Disponível em:

<[http://icom.museum/fileadmin/user\\_upload/pdf/Codes/code\\_ethics2013\\_eng.pdf](http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/code_ethics2013_eng.pdf)> Acesso em: 23 jun. 2016.

KERN, Arno Alvarez. **Utopias e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Os Restauradores e o Pensamento de Camillo Boito sobre a Restauração. In: BOITO, Camillo. **Os Restauradores**: conferência feita na Exposição de Turim em 7 de junho de 1884. Tradução de Paulo Mugayar Kühl; Beatriz Mugayar Kühl. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. (Artes & Ofícios, 3). p. 9-28.

\_\_\_\_\_. História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos. **Revista CPC - USP**, Abr 2006, no1, p.16-40. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15579/17153>> Acesso em: 14 ago. 2015.

MACARRON MIGUEL, Ana Maria. **Historia de la Conservacion y la Restauracion**: Desde la Antigüedad hasta Finales del Siglo XIX. Madrid: Tecnos, 2002.

MARCHIORI, José Newton Cardoso; SCHULZE-HOFER, Maria Cristina. O uso da madeira nas reduções Jesuítico-Grarani do Rio Grande do Sul: 10 – Imagem de Santo Estanislau Kostka. **Revista Balduínia**, N.º. 21, Abril de 2010 p. 29-32. Santa Maria: Periódicos UFSM, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/balduinia/issue/archive>> Acesso em: 11 ago. 2015.

MARQUES, Isabel da Costa. **O Museu como Sistema de Informação**. Dissertação (Mestrado em Museologia) Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Porto: 2010.

MARTINS, Nestor Torelly. **Exemplares do Arcanjo São Miguel na Escultura Missioneira e Suas Interpretações**. São Leopoldo: Dissertação (Mestrado em História) - Unisinos, 1992.

MENDONÇA, Valéria de. A Documentação de Conservação e Restauo: Ética e Responsabilidade Profissional. In: Congresso Internacional Da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens Culturais - ABRACOR, 13, 2009, Porto Alegre. **Anais...** Rio de Janeiro: ABRACOR, 2009. p. 339-340.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **Teoría Contemporánea de la Restauración**. 1.ed. Madrid: Sintesis, 2003.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. A Imagem Religiosa no Brasil. In: **Catálogo Mostra do Redescobrimto Arte Barroca**, 2000, p. 36-79.

PLÁ, Josefina. **El Barroco Hispano Guarani**. Asuncion: Intercontinental Editora, 1975.

POULOT, Dominique. **Uma História do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI**: do Monumento aos Valores. Traduzido por Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação da Liberdade, 2009. Tradução de: Histoire du patrimoine en Occident, XVIII-XXI siècle.

SEPP, Padre Antônio S. J. **Viagens às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**. São Paulo: Edusp Martins, 1972.

THEODORO, Janice. **América Barroca**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1992.

TORNATORE, Jean Louis. Patrimônio, memória, tradição, etc: discussão de algumas situações francesas da relação com o passado. **Revista Memória em Rede**, no 1, p. 7 – 21, dez. 2009/mar. 2010. Disponível em: <<http://ich.ufpel.edu.br/memoriaemrede/arquivos/ArtigoTornatore.pdf>> Acesso em: 03 ago. 2015.

TREVISAN, Armindo. **A Escultura dos Sete Povos**. Porto Alegre: Movimento, Instituto Estadual do Livro, 1986.

VIEIRA, Mabel Leal; COUTINHO, Maria Inês. **Inventário da Imaginária Missioneira**. Canoas: La Salle, 1993.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração**. Apresentação e tradução por Beatriz Mugayar Kühl. 3.ed. Cotia, Ateliê Editorial, 2006. (Artes e Ofícios; 1). Tradução de: Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XIe au XVIe siècle.